

THE MAN WHO LAUGHS / 1927

(*O Homem Que Ri*)

um filme de Paul Leni

Realização: Paul Leni / **Argumento:** J. Grubb Alexander, segundo o romance "L' Homme Qui Rit" de Victor Hugo, adaptado por Bela Sekely / **Fotografia:** Gilbert Warrenton / **Direção Artística:** Charles D. Hall, Joseph Wright, Thomas F. O'Neill / **Figurinos:** David Cox, Vera West / **Montagem:** Maurice Pivar, Edward Cahn / **Conselheiro Técnico:** Professor R.H. Newlands / **Intérpretes:** Conrad Veidt (Gwynplaine), Mary Philbin (Dea), Olga Baclanova (Duquesa Josiana), Josephine Crowell (Rainha Anne), George Siegmann (Dr. Hardquannone), Brandon Hurst (Barkilphedro, o bobo), Sam De Grasse (Rei James), Stuart Holmes (Lord Dirry-Noir), Cesare Gravina (Ursus), Nick De Ruiz (Wapentake), Edgar Norton (Lord Alto Conselheiro), Torben Meyer ("Comprachicos"), Julius Molnar Jr. (Gwynplaine, em criança), Charles Puffy, Frank Puglia, Jack Goodrich, Carmen Costello, Zimbo (Homo, o cão-lobo)

Produção: Carl Laemmle (Universal) / **Cópia:** 35mm, preto e branco, mudo com intertítulos em inglês, legendado eletronicamente em português, 132 minutos, a 22 imagens por segundo / **Estreia Mundial:** Cinema Central, Nova Iorque, em 27 de Abril de 1928 / **Estreia em Portugal:** Condes, em 21 de Janeiro de 1930.

Acompanhamento ao piano por João Paulo Esteves da Silva

Se Paul Leni não tivesse sido um grande realizador, bastaria o trabalho como "cenógrafo" para lhe reservar um lugar na história do cinema, à semelhança de um Mitchell Leisen, um William Cameron Menzies, um Lazare Meerson, num estilo de trabalho cuja tradição ainda hoje se encontra num Dean Tavoularis, por exemplo. Mas entre todos os nomes citados, Paul Leni surge hoje como um desconhecido (nem sequer "ilustre"), situação injusta e a merecer uma revisão urgente, em particular como realizador e o papel que nesta categoria teve no "expressionismo" alemão (**Hintertreppe/"Escada de Serviço"**, anuncia, em 1921, o "kammerspielfilm"), e os filmes americanos, de 1927 a 1929 (data da sua morte prematura, provocada por uma septicemia) antecipam todo o cinema fantástico da Universal (e outros) da década seguinte. Destes últimos, hoje (e entre nós), apenas se conhecem um **The Cat and the Canary/O Legado Tenebroso** (numa cópia muito cortada e em mau estado), a que se junta agora **The Man Who Laughs**. Faltam **The Chinese Parrot**, segundo uma novela policial de Earl Derr Biggers (com o seu personagem de Charlie Chan) e **The Last Warning/O Teatro Maldito**.

Foi como cenógrafo que Paul Leni, nascido em 1885, começou no cinema, vindo do teatro e da colaboração com Max Reinhardt, depois de abandonar uma carreira de pintor e de ter participado no movimento de vanguarda "Der Sturm". Os primeiros cenários de que foi responsável foram no filme de Joe May **Das Panzergewolbe** (1914), e mesmo depois de começar a dirigir os seus próprios filmes (em 1916, com **Das Tagebuch des Dr. Hart**), foi o director artístico de filmes para outros realizadores até abandonar a Alemanha em 1926, colaborando com Arthur Robinson (**Manon Lescaut**-1926) e Michael Kertesz (depois Curtiz) em **Fiaker nr. 13**, entre outros. Entre os que realizou na Alemanha, destaca-se, além do referido **Hintertreppe**, uma das obras maiores do expressionismo, **Das Wachsfigurenkabinett/O Gabinete das Figuras de Cera**. Em 1927, seguindo as pisadas de E.A. Dupont, Paul Leni assinava um contrato com Carl Laemmle que o levou para Hollywood, para integrar a equipa de realizadores da Universal. Com já dissemos, Leni, a partir das suas experiências no expressionismo, através dos cenários e da iluminação, vai lançar as bases do género fantástico em que este estúdio excelou na década de 30. **The Cat and the Canary**, de 1927,

marca esse momento decisivo. **The Man Who Laughs**, o terceiro filme americano de Leni (e o penúltimo da sua carreira) é também bastante sugestivo e não só neste ponto. O filme reflecte também o papel que um outro cineasta da Universal desempenhava nessa altura. Referimo-nos a Eric Von Stroheim.

Digamos desde já. **The Man Who Laughs** é um filme notável, revelador do talento de Leni tanto na direcção, com uma excelente exploração dos movimentos de câmara, a utilização dramática dos cenários e da luz, como já referimos, e também na sequência narrativa e na direcção de actores. Mas ficamos a cismar no que poderia ter sido o filme nas mãos de Stroheim. Não que lhe tivesse sido destinado (por essa altura já Stroheim fora "corrido" da Universal por Thalberg), mas o argumento e as personagens parecem ter sido criadas para ele. O toque "stroheimiano" sente-se tanto nas personagens como nos intérpretes, que são quase todos actores que se "inscrevem" no cenário do autor de **Foolish Wives**, a começar pelo par Cesare Gravina (Ursus) e Mary Philbin (Dea), que retomam a mesma relação de pai e filha (adoptiva no caso de **The Man Who Laughs**) que tinham em **Merry Go Round**. Aliás Gravina era um *habitué* do cinema de Stroheim (**Foolish Wives**, **Greed**, **Merry Go Round** e **The Wedding March**), assim como Sam De Grasse, o sádico rei James, presente em **Blind Husbands** e **The Devil's Passkey**. George Siegmann (Dr. Harquannone) aparecia em **Merry Go Round** e Josephine Crowell (Rainha Anne) era a rainha Milena de **The Wedding March**. Poderão dizer-me (e é verdade), que eram actores da Universal à disposição de Stroheim, de que Leni dispunha agora. Mas também é verdade que outros haviam e que são estes exactamente que aqui se reencontram. Para além disso um actor como Stuart Holmes (Lord Dirry-Noir), com o seu ar boçal e caricato, parece saído exactamente de um filme de Stroheim, apesar de nunca ter entrado em qualquer deles. E as personagens da duquesa Josiana (Olga Baclanova) e do bobo Barkilphedro (Brandon Hurst) parecem "gémeas" respectivamente da depravada rainha (Seena Owen) e do Jan Vryheid (Tully Marshall) de **Queen Kelly**. A estes actores "comuns", junta-se, na comparação entre os dois cineastas, o gosto pelos cenários grandiosos e as reconstituições barrocas mais de acordo com um gosto pessoal do que com o respeito pela fidelidade histórica, apesar das minúcias com que se desenham cenários, figurinos e adereços. Também o erotismo exacerbado é outro ponto de contacto entre os dois cineastas, se bem que o de Leni seja mais "estilizado", embora por vezes atinja a exposição quase "obscena" da de Stroheim: Barkilphedro "oferecendo" ao mensageiro espreitar a duquesa nua em troca da mensagem, a sobrecarga libidinosa da duquesa oferecendo-se a Gwynplaine e, principalmente, a sequência da festa de Southwark, onde ela se "expõe" e "oferece" aos seus seguidores, numa cena digna da orgia de **The Wedding March** (aliás, no que diz respeito a erotismo, **The Man Who Laughs**, tal como os filmes de Stroheim, entre outros, explicam as razões da "fúria" das ligas de moral que iria levar à instauração do Código de Produção/censura em 1933).

O único intérprete alheio ao "mundo" de Stroheim é Conrad Veidt. Mas este actor (que ao lado de Charles Laughton considero o maior do século do cinema), e que tem aqui uma das suas mais notáveis interpretações, pertence, por sua vez, ao "mundo" de Paul Leni. A estreia de Veidt no cinema (em 1917) foi em **Das Ratsel von Bangalor**, filme realizador por Alexander von Antalfy, mas escrito e com cenários de Leni, e sob a direcção deste interpretou **Prinz Kuckucku** (1919), **Patience** (1920) e foi um fabuloso Ivan o Terrível em **Das Wachfigurenkabinett** (1924). Àcerca do seu trabalho em **The Man Who Laughs**, Veidt declarou ter representado "com os olhos", e basta estar atento para verificar quão certa é a afirmação, em particular nas cenas em que Gwynplaine esconde a boca "rasgada" e deixa transparecer todo o seu sofrimento através dos olhos. Neste campo Veidt deixa para trás um actor da estirpe e mérito de Lon Chaney que joga no mesmo registo nos seus papéis de "palhaço" em **He Who Gets Slapped/O Palhaço** de Victor Sjöstrom e **Laugh Clown Laugh/Ri Palhaço Ri** de Herbert Brennon, representando histrionicamente "com a alma em sangue".

Se referimos o que aproxima este filme de Paul Leni dos de Von Stroheim, convém, desde já, destacar também o que os separa. E isto resume-se numa palavra (ou talvez duas): intransigência (ou arrogância), ambas apanágio do autor de **Queen Kelly**. Leni não tem a pose do orgulhoso "hussardo" ou do artista intransigente que Stroheim gostava de arvorar, e que estava na base dos seus conflitos com os patrões numa reprodução do conflito arte-indústria. Leni não teve tempo de vida suficiente para entrar em tal conflito, e os filmes que fez em Hollywood foram sucessos de bilheteira o que evitou, desde logo, um choque semelhante ao que teria Murnau, passado que foi o estado de graça. A razão disso estava também em que todos os filmes se identificavam num género único, que era novidade e que Leni "lançara" com êxito. Se **The Man Who Laughs** pode parecer uma excepção, é-o

apenas pelo seu fundo "histórico". Em termos de narrativa (e de cenários), funciona exactamente da mesma forma que os restantes. Além disso, estava, à partida, suportado pela sua origem literária, sendo Victor Hugo um "nome" garantido desde o triunfo de **The Hunchback of Notre Dame/Nossa Senhora de Paris**, de Wallace Worsley, com Lon Chaney. Mas, apesar disso, não recuou em usar o clássico *happy end* à "Hollywood", apesar de ter filmado também um final mais próximo à obra literária, com a morte de Dea e o suicídio, na água, de Gwynplaine, de que não há hoje notícias e parece não ter sido usado. E toda a sequência final, desde a fuga de Gwynplaine da Câmara dos Lordes, obedece à regra do *last minute rescue* de Griffith, tanto na acção como na montagem que imprime um ritmo rapidíssimo aos acontecimentos, até à confluência de todos no cais de onde se assiste a uma partida para o exílio, e onde, de novo, Gwynplaine está em risco de tudo perder. Esta acção, começa um pouco antes da cena na Câmara dos Lordes, quando Homo, o cão-lobo, vai puxando a cega Dea até à entrada do palácio. A exploração dramática do animal, aí e nas cenas seguintes da perseguição e do seu ataque a Barkilphedro, inscrevem-se abertamente numa óptica comercial, pois trata-se de tirar proveito de um género então em voga, o filme de "animais", em especial aquele que era o campeão incontestado das bilheteiras de então, o cão Rin Tin Tin. De certo modo, ao mesmo tempo da fuga de Gwynplaine, parece que estamos a ver um episódio das aventuras do "cão que salvou Hollywood". Leni, como Lubitsch, sabia conciliar o rigor artístico e a sua expressão pessoal neste campo, com uma atenção particular ao gosto do público, sem necessidade de recorrer à pose do "autor maldito".

The Man Who Laughs adapta, como já dissemos, um romance de Victor Hugo (que voltaria a ser alvo de uma incursão cinematográfica em 1966, "travestido" de *swashbuckler*, por um dos muitos artesões dos estúdios transalpinos) que conta a história de uma criança, filha de um nobre que se revoltara contra o rei James, por este executado, e vendida aos infames "comprachicos", ciganos que "compravam" crianças para as deformarem e explorarem pelas feiras como aberrações da natureza (curiosamente a interprete da personagem da duquesa, a mais perversa do filme, é Olga Baclanova, que em 1932 será, por sua vez, sujeita a idêntica "operação" no final de **Freaks/Parada de Monstros**, de Tod Browning). A fim de apagar a sua infâmia o rei dá ordem para a expulsão dos ciganos do reino, mas a criança acaba por ficar em terra, abandonada. Gwynplaine recolhe, por sua vez, um bebé (a futura Dea) dos braços da mãe morta pelo frio da noite, e ambos são recolhidos por um eremita, Ursus. Gwynplaine em adulto torna-se um clown famoso até a sua verdadeira identidade ser descoberta, sendo o ponto de partida para todo o drama. O que importa aqui será menos a história rocambolesca, e a maior ou menor fidelidade a Hugo (cujo obra era, principalmente, uma denúncia da perversão da monarquia e aristocracia e uma defesa da república), interessando mais a forma como Paul Leni encena a acção. É esta encenação e a sua força dramática, que contamina as próprias personagens, que preenche (e faz esquecer) os "buracos" e desvios da narrativa, do final "à Rin Tin Tin" que já referimos, a personagens que não são devidamente explorados, como é o caso de Hardquannone, responsável pela desfiguração de Gwynplaine e pela denúncia à corte da sua presença, e que desaparece após esta (sabemos, por Barkilphedro, que foi torturado e morto, mas a resolução parece demasiado frágil e apressada), ou mesmo Dea, com o seu ar angelical que parece funcionar exclusivamente como "contraponto" à perversão e sadismo da duquesa Josiana, não tendo, durante muito tempo, uma função determinante. Mas Leni, com a sua arte prodigiosa de encenação faz esquecer estas "deficiências", quando somos confrontados com o assombroso começo, desde o encontro do rei com o duque, pai de Gwynplaine, a execução deste dentro da "dama de ferro", para onde a câmara se dirige num *travelling* rápido, e a montagem das estátuas à volta que parecem contemplar o drama, passando para a cena do porto com a deriva de Gwynplaine entre a neve e os postes de força com os seu "frutos" macabros pendendo, sacudidos pela ventania e devorados pelos corvos. A sequência do concerto da rainha Anne com a imagem grotesca de Lord Dirry-Noir que se encadeia, em montagem contrastante, com a sequência da festa de Southwark e a cena da roda com a câmara acompanhando o seu movimento. E não se pode esquecer a fabulosa cena em que os comediantes encenam a peça, sem Gwynplaine, entretanto preso, para que Dea não dê pela ausência do seu amado. E não falei sequer do banho "demilleano" da duquesa. São muitas as cenas que fazem de **The Man Who Laughs** um dos grandes filmes americanos do fim do mudo.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico